

## UM RECORTE DA RELAÇÃO ENTRE POESIA E IDENTIDADE NA LITERATURA ANTILHANA: ÉVELYNE TROUILLOT E O HAITI

Danielle Grace<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende investigar a questão da identidade tal como ela se manifesta, de modo geral, na poesia antilhana contemporânea. Ao privilegiar alguns episódios da história literária das Antilhas e a poesia de Évelyne Trouillot (2014), em *Par la fissure de mes mots*, procura-se refletir sobre a construção das identidades na cena poética, interrogando-se sobre sua relação com a história colonial e a forja de uma consciência coletiva. Em um primeiro momento, o texto tece algumas considerações sobre a participação de poetas latino-americanos no célebre movimento da Negritude, em seguida examina certos elementos que compõem a história do Haiti, chegando então a uma breve análise da poética de Trouillot. Para tanto, recorre-se a um referencial teórico que permite pensar as literaturas em seus contextos atuais e em relação aos traumas da escravidão (FIGUEIREDO, 1998; 2006). Além disso, busca-se entender o papel da poesia na busca de uma fundação identitária (GLISSANT, 2005) e o político que se evidencia nos percursos poéticos privilegiados por escritores e escritoras das Antilhas de língua francesa (JEAN, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia haitiana, Literaturas antilhana, Évelyne Trouillot, Identidade.

### A CUT OF THE RELATIONSHIP BETWEEN POETRY AND IDENTITY IN ANTILLEAN LITERATURE: ÉVELYNE TROUILLOT AND HAITI

**ABSTRACT:** This article intends to investigate the question of identity as it is manifested in contemporary Antillean poetry. By privileging some episodes of the literary history of the Antilles and the poetry of Évelyne Trouillot (2014), in *Par la fissure de mes mots*, it seeks to reflect on the construction of identities in the poetic scene, questioning its relationship with colonial history and the forging of a collective conscience. At first, the text makes some considerations about the participation of Latin American poets in the famous Negritude movement, then it examines certain elements that make up the history of Haiti, reaching then a brief analysis of Trouillot's poetics. For this purpose, a theoretical framework is used that allows us to think about the literatures in their current contexts and in relation to the traumas of slavery (FIGUEIREDO, 1998; 2006). In addition, it seeks to understand the role of poetry in the search for an identity foundation (GLISSANT, 2005) and the political that is evidenced in the poetic paths privileged by French-speaking writers from the Antilles (JEAN, 2018).

**KEY WORDS:** Haitian poetry, Antillean literature, Évelyne Trouillot, Identity.

---

<sup>1</sup> Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro onde desenvolveu uma tese sobre Francis Ponge e a poesia moderna (2015). É professora de Ensino de francês e literaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/UFRN). Atualmente, desenvolve pesquisa sobre a poesia latino-americana em língua francesa e integra o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). E-mail: [Daniellegrace15@gmail.com](mailto:Daniellegrace15@gmail.com)

## Introdução

Nestas páginas, escolhemos analisar a questão das identidades tal como se manifesta em uma parcela da literatura antilhana de língua francesa. É preciso esclarecer, portanto, que ao falar de identidade, um conceito tão complexo e vastamente discutido na contemporaneidade, pretendemos focalizar as idiosincrasias que cercam a história de colonização e escravização nas Américas. Se fôssemos seguir, por exemplo, o que Avtar Brah (2006) aponta em “Diferença, diversidade e diferenciação”, estaríamos discutindo o tema sob uma ótica que privilegia as relações de um ou mais grupos no interior da sociedade. Para a autora, a questão da identidade deve ser investigada de modo a extirpar essencializações que fixam as identidades, e que contribuem para o estabelecimento de relações de poder e de discursos racializados. Ainda que reflexões como as de Brah (2006) nos permitam um passo crítico de grande importância em nossos estudos sobre a identidade, assumimos, por ora, um outro percurso de análise, que é o de pensar a memória da devastação cultural, política e social na (re)construção das identidades através da arte, e sobretudo, da poesia.

Decerto, tal perspectiva nos permite, paralelamente, refletir sobre a nossa própria história político-social ou, mais estreitamente, questionar como a nossa arte e a nossa literatura se vinculam com apagamentos e visibilidades que constroem representações de uma identidade brasileira. Tais aspectos, mesmo sendo um ponto sensível e relevante a ser assinalado, não representam a discussão central deste estudo, que, como já dito, se efetiva pela imersão no universo literário antilhano em língua francesa. Ainda assim, nos permite colocar em perspectiva a nossa história e sua relação com o presente, tendo a arte como dispositivo de interação com si mesmo e com o outro.

No que concerne à poesia antilhana, propriamente dita, escolhemos seguir algumas pistas. Iniciamos entre as décadas de 1920 e 1930, a partir do encontro de jovens estudantes advindos de várias regiões da América Latina e África, que resultou no movimento conhecido como Negritude. Não pretendemos reproduzir sequências de fatos, que certamente seriam úteis para compreender esse importante movimento cultural. Ao invés disso, procuramos mostrar como a questão da identidade era o que dava sentido às reivindicações políticas, teóricas e poéticas de poetas oriundos de territórios atravessados pela colonização nas Américas, tais como Haiti, Martinica e Guiana Francesa. Em seguida, nos dedicaremos ao caso do Haiti dentro dos conflitos colonialistas que abalaram tanto as estruturas imperialistas mundiais quanto a organização interna do próprio país. Decidir se lançar sobre a história política do Haiti exige enfrentar um paradoxo constitutivo que se revela, de um lado, pela grandeza revolucionária que rendeu à ilha sua independência pioneira, no início do século XIX e, do outro, pelas marcas da exploração colonial, congêneres a todos os países e regiões da América Latina.

Em um terceiro momento, analisamos a temática da identidade de modo ainda mais específico, considerando alguns aspectos paradigmáticos da poesia de Évelyne Trouillot, sobre quem vale tecer rapidamente algumas considerações. A escritora haitiana possui uma vasta e diversificada obra que se estende a diversos gêneros literários: poesia, teatro<sup>2</sup>, romance, conto, ensaio, além de títulos voltados ao público infantil. Nasceu em 1954, na capital Porto Príncipe, onde mora atualmente. A escrita de Trouillot se destaca na cena contemporânea do Haiti, sendo uma das poucas poetisas reconhecidas no mundo literário. A

---

<sup>2</sup> Como dramaturga, Évelyne Trouillot foi condecorada com o prêmio ETC Caraïbe e o Prix Beaumarchais de la Caraïbe ex aequo em 2005 por *Le Bleu de l'île* [O azul da ilha]. A peça foi traduzida para português sob a coordenação de Ana Cláudia Romano Ribeiro e publicada na Revista Rónai, em dezembro de 2020.

antologia *Par la fissure de mes mots*, de onde escolhemos os poemas que serão analisados aqui, é seu terceiro livro de poesia, publicado em 2014.

## O despertar da poesia latino-americana em língua francesa

Em *L'Éloge de la Créolité*, Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant (1993, p. 13) revelam como entendem a identidade étnico-cultural dos povos das Antilhas: “Nem europeus, nem africanos, nem asiáticos, nós nos proclamamos crioulos”<sup>3</sup>. As questões que se erguem com a declaração desses autores se reportam a todos os países da América francófona que, assim como todo o território latino-americano, têm que se haver com sua história colonial. O martinicano Aimé Césaire e o guianense Léon-Gontran Damas são exemplos de escritores que, na primeira metade do século XX, iniciaram a busca por recompor suas identidades, despindo-se do jugo europeu. Juntamente com outros estudantes da América Latina e da África, como o cubano Nicolás Guillén e o haitiano Jacques Roumain, eles foram personalidades capitais do pensamento conhecido posteriormente como pós-colonial<sup>4</sup>, além da formação de todo um ideário em torno da palavra negritude, que deu nome à busca por uma identidade negra no seio do movimento gestado nos anos 1920 e 1930.

Na capital francesa desta época, esses jovens se confrontam com as complexidades que envolvem suas identidades franco-latinas. No efervescente *Quartier Latin* e longe das ilhas onde nasceram, eles se veem em condições de reafirmar suas origens africanas há muito renegadas pelas elites de seus países. É isso que expressa Damas (apud CHAMOISEAU; CONFIANT, 1999, p. 160) ao descrever a atmosfera de cumplicidade entre o grupo de estudantes advindos das colônias francesas daqueles tempos: “deixávamos de ser um estudante essencialmente martinicano, guadalupense, guianense, africano, malgaxe para ser apenas um e o mesmo estudante negro. Acabava-se a vida em confinamento”. Inicia-se, então, um intenso esforço de rememoração de uma história silenciada pela colonização e de uma cultura subjugada pela escravização.

Em *Cahier d'un retour au pays natal*, Césaire conclama o valor desses homens e mulheres, tomados como pessoas escravas e postos à margem pelo olhar opressor do colono. Para isso, o poeta evoca as dores de seus antepassados recuperando uma memória de luta e resistência por liberdade: “Ma mémoire est entourée de sang. Ma mémoire a sa ceinture de cadavre ! / et mitraille de barils de rhum génialement arrosant nos révoltes ignobles”<sup>5</sup> (CÉSAIRE, 1971, p. 19).

É também nessa obra que o termo negritude aparece pela primeira vez. Seus inúmeros significados permitem decantar reflexões fundamentais que reposicionam a problemática colonial atrelando a este sistema o lugar depreciativo a que foram relegados os povos colonizados. Embora ancorada em um vocábulo polissêmico, a função mais significativa da negritude, segundo Zilá Bernd (1984), é sua representatividade enquanto movimento cultural. Nos anos 1930 e 1940, representa o desejo de conferir contornos a uma consciência identitária que preza pela “recusa de continuar a seguir, no terreno artístico, modelos europeus; revolta contra o colonialismo e a preocupação com a busca de identidade” (BERND, 1984, p. 30).

<sup>3</sup> [Tradução de minha autoria, como ocorre em todas as citações no original em língua estrangeira]. Ni Européens, ni Africains, ni Asiatiques, nous nous proclamons Créoles.

<sup>4</sup> Atualmente, deve-se perguntar se o termo é realmente adequado para falar da situação das regiões Além-mar, que, na esteira do processo imperialista francês, permanecem sob o domínio territorial da França, excetuando-se apenas o Haiti, emancipado em 1804.

<sup>5</sup> “Minha memória está envolta em sangue. Minha memória tem a cintura de cadáver / e projétil de barris de rum regando genialmente nossas revoltas ignóbeis.”

É possível afirmar que a influência das vanguardas europeias da primeira metade do século indicou um caminho de saída significativo. Nesse sentido, basta recuperar o grande impacto que essas artes exerceram tanto na formação de um estilo literário quanto na elaboração de um ideal de liberdade e ruptura. Neste trecho do primeiro poema de *Grafitti*, de Damas (2011), pode-se perceber, por exemplo, uma estética essencialmente surrealista:

MALGRÉ LES SARCASMES DES UNS  
malgré l'indulgence des autres  
et au grand dam des uns  
et au grand dam des autres  
plaise à mon cœur  
mis un instant à nu  
d'afficher sur les murs et autres lieux de la ville  
de crier à tue-tête sur les toits de la ville  
à bas TOUT  
vive RIEN<sup>6</sup> (DAMAS, 2011, p. 85)

Interessante observar que o poeta percorre um caminho diferente do de seu companheiro Césaire, pois neste contexto em que a literatura parece se voltar integralmente para a ação, sua obra, longe de se desviar do debate sobre a colonização, propõe, como explica Antonella Emina (2014, p. 2), “audaciosas experiências de linguagem”. A ponto de tal escolha, como se pode supor em um momento de plena efervescência política atrelada à negritude, eclipsar a importância literária e política de sua produção. A crítica mais recente acena para essa interpretação ao sublinhar que Damas figura mais na história literária como companheiro de Césaire e Senghor, no movimento antirracista e na fundação da Negritude, que como o poeta que ousou falar de amor em um contexto de lutas contra a colonização<sup>7</sup> (CHAULET-ACHOUR, 1998).

Contudo, se a Negritude, sendo um dos mais representativos movimentos do debate antirracista da primeira metade do século XX, inspirou muitos artistas de sua geração, por outro lado, também foi alvo de inúmeras críticas. Notadamente no que tange à ambivalência fundante do movimento, pois ao mesmo tempo em que atribui à figura do negro um certo essencialismo pelo ideal africano, permanece arraigado aos valores do branco europeu<sup>8</sup>. Nos anos 1980, o haitiano René Depestre (1980) analisa a problemática trazida pela Negritude propondo uma outra direção. Em *Bom dia e adeus à Negritude*, ele reforça os perigos de uma ideologia de isolamento do ser negro:

não é o mito odiosamente homicida de ‘raça’, mas a força e a beleza de uma solidariedade que tem chances de unificar os povos do planeta ao odor da maré de uma nova ordem redentora da economia, da cultura e da comunicação. (DEPESTRE, 1980, p. 160)

---

<sup>6</sup> “APESAR DO SARCASMO DE UNS / apesar da indulgência de outros / e a grande danação de uns / e a grande danação de outros / agrada o meu coração / nu por um instante / estampar sobre os muros e os outros lugares da cidade / gritar a plenos pulmões / abaixo TUDO / viva NADA”.

<sup>7</sup> Não se pretende, com isso, dizer que a produção de um poeta como Césaire se restrinja a uma escrita panfletária. Como demonstramos em um artigo recente (GRACE, 2020), o autor martinicano é um ícone da literatura antilhana, mesmo para a produção atual. Em sua época, foi reconhecido pelos poetas surrealistas, que, a exemplo de André Breton, viu em sua obra a realização de algumas das aspirações poéticas do grupo. Também Damas é aproximado da poética surrealista cuja obra expande os ideais estéticos do movimento literário. Cf. HAZAËL-MASSIEUX, 2014.

<sup>8</sup> Cf. a esse respeito a análise de Figueiredo (1998, p. 23-62), em “A negritude de Aimé Césaire”.

## A literatura no cenário revolucionário

Neste contexto em que a literatura está atravessada por um ideário revolucionário, não se podem esquecer as batalhas que se efetivam nas políticas nacionais e nos discursos. No panorama latino-americano, o Haiti figura como um caso particular no que concerne à relação entre as reivindicações culturais atreladas ao processo colonial e a construção de uma identidade nacional via literatura. Para entendermos essas especificidades, é preciso partir das conformações políticas compondo o pano de fundo de uma voz literária própria. Como sabemos, o Haiti foi a primeira região colonizada a se emancipar em 1804. A gloriosa luta para combater os senhores brancos foi um longo processo cuja vitória sobre as tropas francesas, liderada por Toussaint Louverture, Dessalines e Christophe, rendeu a independência, mas também deixou o país devastado (FIGUEIREDO, 2006). Além disso, despertou-se, por parte das metrópoles, o receio de que essa força insurgente se espalhasse para as colônias vizinhas. Não à toa, a degeneração do sujeito colonizado foi a maior estratégia do colonizador, inculcando a ideologia de que sua cultura, religião e intelecto estavam atrelados à barbárie e à inferioridade natural da *raça*. Nesse sentido, Figueiredo (2006, p. 375) vê o Haiti como a “Cuba do século XIX”, não apenas pela força revolucionária que ameaçava a hegemonia dos países imperialistas, mas também no que se refere às relações internacionais. Como se sabe, o país sofreu com um forte embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, que atingiu todas as esferas de produção desenvolvidas no país até então. Como reitera Dieumette Jean:

Após a Proclamação da Independência do Haiti, em 1º de janeiro de 1804, os líderes haitianos [...] veem-se enfrentando um duplo desafio: superar divisões raciais internas criadas pela escravidão (brancos, pardos e negros) e erigir um Estado independente que poderia opor-se às potências escravagistas da época. (JEAN, 2018, p. 171)

Tais “desafios”, que se interpõem em direções aparentemente opostas, podem ser vistos como vestígios do trauma colonial e escravista que fantasmagoriza o país desde sua fundação. A fissura causada pela violência colonial e o processo de racialização das pessoas negras permeou as divisões internas de que fala Jean (2018), fraturando o sujeito colonizado também em sua compreensão identitária.

[...] quando esses escravizados, através de uniões circunstanciais ou conjunturais, conseguiram arrancar sua liberdade e tomar posse do território no qual foram importados e sofreram tantos traumas, o principal desafio girou em torno da construção de um Estado soberano e, ao mesmo tempo, da construção de novas referências e de novos valores para substituir os do período traumático. (JEAN, 2018, p. 172)

Nesse contexto, a literatura parece intervir não somente na construção de uma identidade nacional, mas também oferecendo os recursos para que isso ocorra por um procedimento outro. Ela permite reabrir o passado através de fendas sobre terrenos consolidados, “verdades” estabelecidas pela voz dos vencedores (BENJAMIN, 2012). De acordo com Édouard Glissant (2005, p. 70), esse procedimento de desfazer a História ocorre através do que ele chama de “pensamento do rastro/resíduo [*trace*]”, que age desestabilizando o universal, o “espetáculo das hegemonias”, a que estávamos submetidos pela História em sua dinâmica de certezas.

## 32 Criação & Crítica

Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da Imensidão da Águas o rastro/resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Confrontados à implacável desordem do colono, eles conheceram essa genialidade, atada aos sofrimentos que suportaram, de fertilizar esses rastros/resíduos, criando, melhor do que sínteses, resultantes das quais adquiriram o segredo. As línguas crioulas são rastros/resíduos singrados na grande bacia do Caribe e do oceano Índico. (GLISSANT, 2005, p. 71)

Assim, Glissant (1990) acredita que a língua é uma sorte de receptáculo desses rastros e que ao manipulá-la, o escritor cria uma poética capaz de mobilizar o passado e toda a diversidade movente. Ele realiza sua atividade em negociação permanente com o outro através de um eco multilíngue. Este movimento evidenciaria o fato de que uma literatura da relação, ou seja, que reivindica uma dialética do Diverso não pode se realizar senão “na presença de todas as línguas do mundo”<sup>9</sup> (GLISSANT, 2005 p. 43-44), como ele explica:

O que quero dizer é que deporto e desarrumo minha língua, não elaborando sínteses, mas sim através de aberturas linguísticas que me permitem conceber as relações das línguas entre si em nossos dias, na superfície da terra – relações de dominação, de convivência, de absorção, de opressão, de erosão, de tangência etc. (GLISSANT, 2005, p. 44)

É, portanto, nessas “aberturas linguísticas” (GLISSANT, 2005, p. 44) que a construção de uma memória coletiva se consolida e atravessa o imaginário comum. O escritor seria, para Glissant, aquele que é capaz de reavivar a história de seu povo, não pela descoberta e reconstituição de fatos do passado, mas pela criação de uma estética que construa sentidos no /para o presente e referências para o futuro. Para isso, não é preciso sair do espaço caribenho, pelo contrário, suas paisagens e o que elas evocam do passado silenciado permitem a consolidação de um novo modelo de história, longe da retórica linear erigida pela história ocidental. É o que Diva Damato (1995) explica ser a *poética da duração*, ou seja, a que

supõe um trabalho coletivo em que a repetição, a acumulação, a difícil abordagem é incessantemente recomeçada. É a poética das sociedades em formação, daquelas que devem se reconstituir, se elucidar. [...] Na emergência dessa história reprimida, o escritor tem um papel particularmente importante. Cabe a ele vasculhar a memória coletiva à procura de vestígios aparentemente anódinos, mas que podem ser o testemunho de uma carência não admitida, de um gesto incompreensivelmente renegado. (DAMATO, 1995, p. 187)

Assim, na esteira das poéticas que performam as feridas das diásporas, percebe-se uma operação dialética em que a própria língua de escrita, que é majoritariamente o francês, funcionaria como evidência da diversidade identitária, emergindo de suas contradições. No que tange à história haitiana, a literatura é um dispositivo que coloca em ativação permanente o ideal realizado de liberdade, através da instauração de patrimônios nacionais. Mas isso não é tudo, ela reúne pela palavra poética as fissuras que atam o presente a uma memória do espaço e das lutas coloniais do passado, como é possível perceber em *Par la fissure de mes mots*, da autora haitiana Évelyne Trouillot.

---

<sup>9</sup> “[...] en présence de toutes les langues du monde.”

## A construção de uma memória poética em *Par la fissure de mes mots*

Com Trouillot (2014), o procedimento com a língua expõe um paradoxo fundador das identidades dos escritores advindos de territórios marcados pela experiência colonial. É ao se apropriar da língua do opressor, assumi-la como idioma de escrita, que uma insuficiência expressiva se evidencia. Daí um outro paralelo importante: na impossibilidade de se fundir ao outro, fortemente identificado ao passado de colonização, emerge-se uma linguagem poética própria, tão diversa em suas impregnações históricas quanto única na sua potência testemunhal. Em entrevista para a revista Plimay, ao falar da sua relação com a poesia e o que a escrita poética representa, ela diz:

La poésie c'est la parole ultime, la façon la plus pure, la plus dure, la plus vraie de dire les choses, de parler du monde et de l'être. De regarder ce qui est dedans de soi, et de fouiller en entraînant les autres avec soi. La poésie, la vraie, qu'il s'agisse de Philoctète, de Castera, d'Aragon ou de Mahmoud Darwich, c'est un plongeon lumineux et douloureux à la fois dans un univers de mots et d'idées, d'images et de sensations. Un espace où il faut trouver les mots pour tout dire même quand cela fait mal, un espace où les vérités s'entrecroisent. Ce qui nous maintient debout quand l'horreur nous entoure, quand les abîmes nous attirent.<sup>10</sup> (TROUILLOT, 2020)

No poema “Lettre à ma ville” [Carta à minha cidade], é possível identificar essas linhas de força constituindo uma estética única. Ao falar das multiplicidades que compõem os espaços citadinos, a poeta acaba por expor um “todos” através de um “si mesmo”.

Je t'ai aimée sur cahiers quadrillés  
fond de ruelles familières  
mains jointes et papier fleuri  
accordéon de rondes  
et de souliers vernis (...)  
Avenue d'indulgence  
asphalte tant de fois brisé  
tu ne m'as pas gardé rancune  
de mes crises d'enfant gâtée  
en plein orage  
sur ta grand-rue<sup>11</sup> (TROUILLOT, 2014, p. 14)

Neste passeio por ruas e avenidas, a cidade está referenciada por um passado que é tanto individual quanto coletivo. A singularidade do “je” [eu] iniciando o poema logo se

<sup>10</sup> A poesia é a última palavra, a maneira mais pura, mais dura, mais verdadeira de dizer as coisas, de falar do mundo e do ser. De olhar o que está dentro de si e de vasculhar arrastando os outros consigo. A poesia, a verdadeira, que se trate de Filoctetes, Castera, Aragon ou Mahmoud Darwish, é um mergulho luminoso e doloroso num universo de palavras e ideias, imagens e sentimentos. Um espaço onde é preciso encontrar as palavras para dizer tudo, mesmo quando dói, um espaço onde as verdades se entrecruzam. É o que nos mantém de pé quando o horror nos cerca, quando os abismos nos atraem.

<sup>11</sup> “Eu te amei em cadernos quadrilhados / fundo de ruelas conhecidas / mãos dadas e papel florido / acordeão de ciranda / e de sapato verniz (...) Avenida de indulgência / asfalto tantas vezes rachados / você não guardou rancor / de minhas manhas de criança mimada / em meio à tempestade / na via pública”

dissolve na multiplicidade de vozes do espaço urbano confluindo no pronome “tu” segunda pessoa do singular. A aparição desse interlocutor, que é a própria cidade a quem a carta se dirige, constrói, logo no início do poema, uma estrutura dialógica. Na atmosfera criada pelo poema, os elementos concretos, como “ruelas”, “acordeão de ciranda” e “avenidas”, que compõem o cenário, vêm se juntar a artefatos e aspectos pessoais. Daí, compõe-se uma espécie de palimpsesto cujos vestígios do outro constituem uma identidade coletiva. Nesse movimento, a própria língua francesa funciona como uma porta giratória, alternando-se entre o dentro e o fora, aos poucos, cedendo lugar a uma escrita híbrida entre o francês e o crioulo<sup>12</sup>:

<sup>13</sup>Ou panche tèt ou  
jis li rive nan lanmè  
kou yon timoun k ap danse  
yon mizik ankenn lòt moun pa tandè  
ke rad ou tranpe nan dlo  
lodè lanmè an monte  
chifònnen trip mwen  
m anvi fè toubiyon sou pwent kè m<sup>14</sup>  
(TROUILLOT, 2014, p. 14-15)

Interessante notar que na alternância entre línguas, o “tu”, segunda pessoa do singular no francês, que anteriormente parecia se endereçar à cidade ganha os ares de um interlocutor de carne e osso, mas cuja singularidade se despedaça na própria indefinição que existe no crioulo entre os pronomes de segunda pessoa do singular e do plural. Em francês, o uso bem demarcado do *tu* e do *vous*, entre o pessoal e o familiar e o respeitoso e o formal, se contrapõe à indefinição desses lugares na língua crioula. Em seguida, a locução “ou panche tèt ou” [pendes a cabeça] vai se chocar com a irrupção de uma terceira pessoa “yon timoun” [uma criança], aprofundando, assim, o processo de apagamento das fronteiras entre as pessoas do discurso.

Em *Par la fissure de mes mots*, a palavra poética se desdobra na sua interface com o testemunho. Alguns dos poemas publicados nessa antologia foram escritos, como explica seu editor, Bruno Doucey, “nos dias que se seguiram ao tremor de terra que acabava de devastar o Haiti.” (2014, p. 10)<sup>15</sup>. É o caso do poema “Secousses” [Trepidação] em que a tragédia de 10 de janeiro de 2010 se descortina criando um cenário em que poeta e terra constituem um só elemento a sofrer com os abalos irruptivos.

La terre a soulevé mon cœur  
d'un mouvement sec et violent  
elle l'a déchiré  
éparpillant mille morceaux  
comme larmes d'oiseaux errants

<sup>12</sup> Apesar de o estudo do crioulo não constituir o objetivo principal dessa pesquisa, não se pode ignorar o fato de que esta língua compõe o projeto estético de todos os escritores citados aqui, sendo difícil desviar-se dela quando se trata de literaturas francófonas das Américas. Portanto, quando necessário, pretende-se o empreendimento tradutório a fim de se investigar as implicações poéticas construídas pelos autores.

<sup>13</sup> Uma versão traduzida do português para o crioulo da Guiné-Bissau por Luizinho Jorge Cá encontra-se publicada no site: <https://lapofranufrij.wixsite.com/lapofran>. Acesso em 24 jun. 2020.

<sup>14</sup> Pendes a cabeça / até chegar ao mar / a nuca de uma criança que dança / uma música que ninguém mais ouve / somente suas roupas mergulhadas na água / o odor do mar sobe / amassando meu estômago / quero fazer um redemoinho na borda do meu coração.

<sup>15</sup> “aux lendemains du tremblement de terre qui venait de ravager Haïti.”

aux quatre vents de mon île  
et depuis  
chaque nuit  
j'entends les battements  
hésiter à mi-chemin  
entre décombres  
et étoiles (TROUILLOT, 2014, p. 20)<sup>16</sup>

Longe de um sentimentalismo desencantado, esses versos valorizam uma escrita objetiva a partir da qual se descreve uma mecânica da vida. Os elementos do mundo físico parecem reagir em sintonia à interferência abrupta. A terra, suspendida em um “movimento seco e violento”; o ar, por onde vagam “mil pedaços”; as águas cercando a “ilha” e o fogo “a meio caminho/ entre escombros /e estrelas”. Todos esses componentes mobilizados por sobressaltos constroem o ambiente externo à poeta. Por dentro, o coração, órgão de palpitações constantes e ininterruptas, encontra-se em outro ritmo, apontando a impossibilidade de cisão entre o sujeito, o corpo e a consciência, e sua inscrição em um espaço, que é tanto físico, poderíamos dizer geográfico, quanto político.

Nesse contexto, evocado pelo sismo de 2010, em que tudo se passa sob a insígnia do “desastre natural”, não se pode deixar de pensar, por mais distante que pareça, nas reminiscências da exploração colonial. Sabe-se que o desmatamento das planícies, a exploração dos minérios e dos recursos naturais estão na origem de muitas calamidades ambientais e que elas tiveram início e aprofundamento com o longo processo de colonização. Assim, pesquisas sobre a relação dos desastres ambientais e a questão socioeconômica lembram que

se eventos geológicos como o terremoto do Haiti [...] podem ser considerados ameaças naturais, os desastres não são naturais. São produzidos socialmente e a vulnerabilidade das sociedades ou comunidades encontra-se estreitamente e inversamente relacionada ao nível de desenvolvimento econômico e social. (FREITAS et al. 2012, p. 1578)<sup>17</sup>

Na poesia, a terra é como um corpo subjugado, regurgitando seus venenos, cujos pedaços estão esparramados por toda parte, “como lágrimas de pássaros errantes / aos quatro cantos de minha ilha” (TROUILLOT, 2014, p. 20). Além de “Secousses” e um outro poema intitulado “Mémoires” [Memórias], a temática relacionada ao Terremoto não é diretamente abordada em outros poemas. No entanto, isso não confere um tom de exceção a estes dois, pelo contrário, eles se integram sem estranhamento ao tom em torno do qual a poeta constrói seu projeto poético. A palavra terra e suas variantes (minha ilha, país)

---

<sup>16</sup> A terra suspendeu meu coração / de um movimento seco e violento / ela o rasgou / espalhando mil pedaços / como lágrimas de pássaros errantes / aos quatro cantos de minha ilha / e desde então / toda noite / escuto os batimentos / hesitar a meio caminho / entre escombros / e estrelas.

<sup>17</sup> No artigo “Vulnerabilidade socioambiental, redução de riscos de desastre e construção da resiliência”, os autores explicam que “No que se refere à situação ambiental, o Haiti possui imenso desmatamento das planícies, morros e encostas, processo iniciado com os espanhóis e continuado pelos franceses e, após a independência, pelos fazendeiros, que ocuparam os vales férteis e expulsaram os camponeses para as matas mais íngremes. O longo processo de exploração da madeira e do solo no Haiti tornou o país muito mais vulnerável a tempestades do que a República Dominicana [...]. O desmatamento, combinado com a vulnerabilidade às tempestades e ciclones, exacerbou a deterioração ambiental do país afetando a produtividade de alimentos, que caiu 30% só entre 1991 e 2002, aumentando a pobreza rural e levando a uma maior migração do campo para Porto Príncipe (que já não possuía capacidade de absorver mais populações e de oferecer serviços, alimentos e saneamento ambiental adequado para todos)” (FREITAS et al. 2012, p. 1580)

aparecem ao longo de toda a obra. Na primeira parte, a recorrência é ainda mais significativa, designando, em termos físicos, o solo, a superfície e, por extensão, uma identidade nacional. Em “L’errance devenue chair” [A errância transformada em carne], a terra, como uma poção mágica que se toma para mudar de figura, é o fio que conduz a uma reflexão imaginativa a respeito do entrelaçamento entre literatura e identidade. Vejamos um trecho:

Je me suis réveillée un jour  
dans un corps inconnu  
depuis  
je respire par intermittence

J’ai oublié mon sexe

Comme le papillon qui brûle  
déchire ses couleurs  
avant l’assaut des flammes  
je ne suis que chair  
lavée de ses envies

Je bois ma terre  
par la fissure de mes mots  
bris de bleu  
en convalescence  
brins de rêves  
égarés entre ma paupière et  
l’incertitude de la mer (TROUILLOT, 2014, p. 31)<sup>18</sup>

A borboleta, símbolo da metamorfose, aparece aqui inacabada, rasgando suas cores diante do fogo. O corpo desconhecido onde a poeta se vê habitando pode ser pensado como um deslocamento da própria identidade. Daí também essa indefinição que reverbera no apagamento do sexo, “*j’ai oublié mon sexe*” e na indeterminação do desejo, “*je ne suis que chair / lavée de mon désir*”. Se há a ressurgência de um corpo, trata-se de um processo que se dá através das palavras. Tudo é inconsistência, o mar, a terra e o próprio sujeito poético, que se revela intermitente “*je respire par intermittence*” através de uma língua fraturada e convalescente “*bris de bleu / en convalescence*”. Mas é justamente por essas fissuras, que a terra se transforma em palavra poética, como um líquido que se bebe, enche a boca e passa pelas cordas vocais.

Nesta antologia de Trouillot (2014), a poesia aponta para uma identidade que está sempre em processo, se reajustando pelas fissuras deixadas por cada abalo de terra. Não há, portanto, a pretensão de um eu estável. Nesse contexto, a literatura emerge dessas/por essas ranhuras operando o que Glissant (2005, p. 70) vai considerar como “a surpresa do *sendo*, do surgimento do existente, em contraposição à permanência do ser.”

No percurso pela construção de identidades que se descortinou pelos autores e autoras em foco nesta análise, é possível afirmar que a língua é um lugar de constante questionamento e intervenção, forjando uma relação possível com o mundo. Desde a Negritude até a produção contemporânea, a literatura antilhana se constitui por esse viés. Por mais que cada ilha que compõe esse espaço se imponha em suas peculiaridades e vicissitudes, os pontos de contato entre suas produções literárias podem ser identificados por

---

<sup>18</sup> Acordei um dia / em um corpo desconhecido / desde então / respiro por intermitência / esqueci meu sexo / Como a borboleta que queima / rasga suas cores / antes do assalto das chamas / sou apenas carne / lavada de seus desejos / bebo minha terra / pela fissura das minhas palavras / fraturas de azul / em convalescência / rasgos de sonhos / perda entre minhas pálpebras e / a incerteza do mar.

meio dessa tentativa de mobilizar o político e o social através de uma construção estética. Nisso, percebemos uma poética que, considerando as fendas do passado, opera a (re)formulação de si no outro, capaz de recompor uma memória coletiva entre a história colonial e a terra natal como espaço de encontro.

## Referências

- BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. Cadernos Pagu, nº 26, jan. – jun. 2006, p. 329-376.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultural*. 8ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERNABÉ, Jean ; CHAMOISEAU, Patrick ; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Edição Bilíngue. Paris: Gallimard, 1993.
- BERND, Zilá. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CESAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Dakar: Présence africaine, 1971.
- CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphael. *Lettres créoles: Tracées antillaises et continentales de la littérature*. Paris: Hatier, 1999.
- CHAULET-ACHOUR, Christiane. “Sous le signe du colibri. Traces et transferts autobiographiques dans la trilogie de Daniel Maximin”. In: MEMMI, Albert et al. *Post Colonialisme et Autobiographie*. Nova Iorque: Hornung & Ruhe eds., 1998, p. 203-223.
- DAMAS, Léon-Gontran. *Black-Label et autres poèmes*. Paris: Gallimard, 2011.
- DAMATO, Diva Barbaro. *Édouard Glissant: Poética e Política*. São Paulo: ANNABLUME; FFLCH, 1995.
- DEPESTRE, René. “Bom dia e adeus a negritude”. Trad. Maria Nazareth Fonseca; Ivan Cupertino. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022. Texto original: *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris: Robert Laffont, 1980. 262p. p. 82-160.
- DOUCEY, Bruno. “Les mots de l’éditeur”. In: TROUILLOT, Évelyne. *Par la fissure de mes mots*. Paris: Éditions Bruno Doucey, 2014.
- EMINA, Antonella. *Léon-Gontran Damas: cent ans en noir et blanc*. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EdUFF, 1998.
- FIGUEIREDO, Eurídice. “O Haiti: história, literatura, cultura”. Revista Brasileira do Caribe, Goiânia, Vol.VI, nº12, Jan.- jun. 2006, p. 371-395.
- FREITAS et al. “Vulnerabilidade socioambiental, redução de riscos de desastre e construção da resiliência – lições do terremoto no Haiti e das chuvas fortes na Região Serrana, Brasil”. *Ciência e Saúde coletiva*. v. 17, n. 6, 2012, p. 1577- 1586.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris : Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.
- GRACE, Danielle. Césaire, Glissant e Chamoiseau: identidade antilhana e tradição literária. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 219-236, 2020.
- HAZAËL-MASSIEUX, Mare-Christine. “Damas et ses langues, le français et le créole ou l’interdit du fruit défendu”. In: EMINA, Antonella. *Léon-Gontran Damas, Cent ans en noir et blanc*. Paris: CNRS éditions, 2014, p. 117-140.

JEAN, Dieumettre. “Construção da identidade nacional na poesia haitiana: início de uma reflexão”. Revista *Entrelinhas*, v. 12, n. 2. p. 170 – 191. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/entr.2018.12.2.03>. Acesso em 13 de fev. de 2022.

TROUILLOT, Évelyne. *Par la fissure de mes mots*. Paris: Éditions Bruno Doucey, 2014.

TROUILLOT, Évelyne. Évelyne Trouillot : « La poésie c’est la façon la plus vraie de dire les choses, de parler du monde et de l’être ». Entretien. Plateforme de Littérature Contemporaine Plimay, 6 mai 2020.

**Recebido em:** 15/02/2022

**Aceito em:** 20/05/2022

**Referência eletrônica:** GRACE, Danielle. Um recorte da relação entre poesia e identidade na literatura antilhana: Evelyne Trouillot e o Haiti. *Criação & Crítica*, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm. aaaa.